



CURSO DE PSICOLOGIA

**O (DES) ENCONTRO COM A PATERNIDADE: NARRATIVAS
SOBRE O NÃO DESEJO DE SER PAI**

Laís Regina de Carvalho Schwarz

Santa Cruz do Sul

2015

Laís Regina de Carvalho Schwarz

**O (DES) ENCONTRO COM A PATERNIDADE: NARRATIVAS
SOBRE O NÃO DESEJO DE SER PAI**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Professora Edna Linhares Garcia

Santa Cruz do Sul

2015

AGRADECIMENTOS

Dedico esta conquista aos meus amados pais, Lourdes e Rudimar. Mãe, você me ensinou que não importa o quão difícil estejam as coisas, sempre tenho com quem contar. Pai, você me ensinou que se eu desejo chegar a algum lugar, o melhor caminho é estudar e batalhar. Às igualmente adoradas irmãs, Ingrid, Jenifer e Tiffani. E assim, nesta batalha chamada graduação, tive a certeza de que a qualquer momento poderia contar com minha família, meu porto seguro! O que seria de mim sem vocês! Muito obrigada!

E o que dizer à você Anderson?! Amo partilhar a vida com você! Obrigada pela paciência, pelo incentivo, pela força, pelo carinho e principalmente pelo amor. Obrigada por não me deixar desistir quando eu acreditava que minhas capacidades não me ajudariam a chegar até o fim. Bem, aqui estou! Obrigado pela capacidade de me trazer paz mesmo quando estava cercada pela correria da vida acadêmica. Você foi capaz de compreender e aceitar os momentos em que tive que me distanciar ou me isolar e as renúncias que tive que fazer para atingir meu objetivo. Igualmente você foi capaz de fazer as suas. Obrigado por ter sido meu companheiro nessa trajetória. Eu não poderia ter escolhido melhor companhia! Estamos colhendo juntos os frutos de todo este empenho! Esta vitória também é sua!

À querida mestre, professora e orientadora, instigadora de toda minha curiosidade, e tutora das minhas angústias, Edna, com quem plantei a semente que, após muito zelo e cuidado, transformou-se neste trabalho. Tenha certeza que nossas conversas, quando este trabalho ainda era utópico, foram fundamentais. Também por seus ensinamentos e pela paciência na orientação e no incentivo deste trabalho e de outras vivências acadêmicas que me foram fundamentais. Eu posso afirmar que minha formação, acadêmica e pessoal, não teriam sido as mesmas sem a sua influência. Obrigada mestre!

À todos os professores do curso de Psicologia, que foram importantes na minha trajetória acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho.

Às maravilhosas amigas, Elise Sehn, Graziela Lucas e Ludmila Teixeira, que me acompanham desde o início dessa caminhada, e que, assim como eu, sentiram na pele as angústias de cada semestre. Obrigado por terem deixado que eu fizesse parte desta simbiose. Espero tê-las sempre em minha vida, porque certamente já conquistaram seus lugares no meu coração.

A Ângela, Jéssica, Letícia, Michaela, Tatiane, e aos demais amigos que a Universidade me trouxe, nas disciplinas, nos estágios e nos corredores. Obrigada por estarem comigo, trocando experiências e angústias!

Aos meus amigos e todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer a pena, e que foram capazes de acompanhar de perto minha caminhada em busca do tão desejado diploma em Psicologia.

*Eu sou do contra! Não vão me dirigir, não. Decifra-me ou devoro-te?
Não vai me devorar nem eu me decifrar, nunca. Eu sou a esfinge, e
daí?
(Elis Regina)*

RESUMO

A importância de um pai na constituição do sujeito, ou um outro que atenda a esta função, está presente nos escritos freudianos. Contudo, as mudanças ocorridas nos modos de ser família e de ser casal na contemporaneidade, afetam diretamente os modos de ser mulher e de ser homem, e, conseqüentemente, de ser mãe e pai. Com todas essas mudanças, o que se verifica na atualidade é o aumento de casais sem filhos por opção. Dentre os estudos publicados acerca da não maternidade/paternidade, o que se notou foi um número maior de estudos que contemplam uma análise a partir do ponto de vista da mulher. Deste modo, o presente trabalho pretende dar visibilidade ao que pensam os homens sobre a escolha pela não descendência. Para tanto, foram entrevistados cinco homens que socializaram seu não desejo de ter filhos. A partir de suas narrativas e sob a perspectiva teórica da Psicanálise, buscou-se evidenciar as formas de expressão deste não desejo nos discursos, fazendo tencionar com alguns conceitos fundamentais no âmbito desta teoria. Entre os achados, evidenciam-se conflitivas em torno da paternidade que remetem à necessidade de refletir acerca dos conceitos de compulsão enquanto reprodução do mesmo, identificação e sobre o desejo de paternidade e desejo de ter filhos. Conclui-se, a partir deste trabalho, sobre a importância da realização de novos estudos na área da paternidade, auxiliando assim nas questões de sofrimento presentes na clínica contemporânea e que possam estar diretamente ligadas à paternidade, ou mesmo a não paternidade.

Palavras-chave: paternidade, não paternidade, Psicanálise.

ABSTRACT

The importance of a father in the constitution of the subject, or another person that meets this function is present in Freud's writings. However, the changes that have happened in the contemporary time in the ways of being a family and being a couple, have directly affect the ways of being a woman and a man, and consequently to be mother and father. With all these changes, what we took notice is the increase of childless couples by reason of choice. What we realize among the studies published about the non-motherhood /parenthood, was a greater number of studies that observe an analysis from the woman's point of view. Thereby, this work aims to give visibility in order to know what the men think about the choice by non-offspring. For this purpose five men were interviewed who socialized their desire for not having children. From their narratives and from the theoretical perspective of psychoanalysis, we sought to prove the ways of expression about this non-desire in their speeches, making intend with some fundamental concepts in the range of this theory. Among the findings, we noted conflicts regarding the parenthood that shows the need to reflect about the compulsion concepts about their own reproductions, identification and also about the desire for fatherhood and the desire to have children. From this work we concluded the importance of new studies in the parenthood's area, helping thereby in the suffering's issues that we have nowadays in the contemporary clinic and that can be directly linked to parenthood, or even to the non-parenthood.

Keywords: Parenthood, Non-Parenthood, Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DECIFRA-ME	11
2.1 A(s) família(s).....	11
2.2 O casal.....	13
2.3 O homem	15
3 METODOLOGIA.....	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
4.1 A não paternidade e as aproximações entre os discursos dos sujeitos.....	22
4.2 A não paternidade e o distanciamento entre os discursos dos sujeitos.....	26
4.3 Identificação com a escolha	28
4.4 Desejo de ter filhos e Desejo de Paternidade.....	30
4.5 A Repetição enquanto reprodução do mesmo	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	39

1 Introdução

O interesse em pesquisar acerca da paternidade surge de uma demanda prática – o acompanhamento da coleta de material genético para comprovação, ou não, da paternidade. Durante este curto episódio, que poderia incluir ou excluir a figura paterna na vida de um sujeito, as trocas de olhares e de palavras, ou mesmo a ausência deles, parecia significar muito. Certamente, um entendimento profundo de cada caso só seria possível através de um processo de acompanhamento de todo o curso do reconhecimento da paternidade, sendo mais bem compreendido a partir de uma análise de cada um dos membros envolvidos e dos motivos que levaram a tal resultado, dentro do contexto onde se inserem. Sendo esta análise irrealizável por questões que não são passíveis de discussão neste momento, outras formas de aproximação com o tema foram emergindo.

Deste modo, o interesse pela paternidade levou a questões ligadas a “não paternidade”, ou seja, o porquê da escolha de não ter filhos. Dúvidas referentes ao que a paternidade gera nos homens e o que é levado em questão quando se toma esta decisão, foram se somando a outras, tais como: a negociação entre o casal quanto à opção de não ter filhos, as justificativas dadas pelos sujeitos para não serem pais e o quanto esta escolha é atribuída a determinantes externos. Portanto, o que se pretendeu nesta pesquisa foi dar visibilidade ao que pensam os homens sobre a paternidade na contemporaneidade, principalmente no que tange sua opção de não se tornarem pais, identificando de que forma esse não desejo é narrado por eles. Neste sentido, o título utilizado para este estudo “*O (des)encontro com a paternidade: narrativas sobre o não desejo de ser pai*”, pretendeu demonstrar a ambivalência do tema, ou seja, até que ponto este desencontro com a paternidade, realizado a partir da opção de não ter filhos, não implica diretamente com o encontro de algo?

Segundo Rios (2007), a opção pela não descendência configura-se na atualidade enquanto fenômeno crescente. No entanto, na busca de artigos publicados, ao menos no que tange o país, os dados ainda são escassos, mostrando assim a relevância deste estudo. Contudo, compreender de que forma se constitui a paternidade implica reconhecer que aconteceram mudanças no modelo familiar, no casamento, e no modo que a paternidade é vivenciada contemporaneamente. Isso não quer dizer, necessariamente, que um provou mudanças no outro, isoladamente e em certa ordem, mas sim que, estão tão intrinsecamente ligadas, família – casamento – paternidade, que não podem ocorrer mudanças numa dessas dimensões sem que as outras sejam afetadas.

Acerca da família, Cúnico e Arpini (2013) afirmam que é um sistema complexo, atravessado por transformações históricas, sociais e culturais, e, ainda que seja projetada de acordo com o modelo com a qual nos identificamos – seja por idealização ou como realidade vivida – na atualidade, esta instituição resulta de uma longa evolução. Deste modo, nomear, delimitar ou conceituar a família hoje, bem como sua estrutura, torna-se uma tarefa difícil, uma vez que pode assumir diferentes formatos, como: nuclear, monoparental, homoparental, recasada, etc. (RIOS; GOMES, 2009a).

Sobre o casal, Turkenicz (1995) afirma que, por muito tempo ele foi sinônimo de negócio, e envolvia as famílias, que tentavam fazer o melhor acordo. Segundo Heilborn (1995) os seguimentos sociais, em decorrência da modernização dos costumes nas últimas décadas, têm se voltado principalmente para o individualismo. Para Féres-Carneiro (1998), este fato tem influência na constituição e na manutenção do casamento na contemporaneidade. Além disso, Rios (2007) acrescenta que na atualidade, a maternidade/paternidade passou a ser uma opção, de modo que houve um aumento do número de casais que optam em não ter filhos.

Em busca de estudos já publicados acerca da opção pela não descendência, foi possível perceber que a maioria privilegia a visão feminina, remetendo essa escolha/decisão principalmente associada à mulher, não abarcando, de certa forma, o ponto de vista masculino. E, se observarmos que o não ter filhos é um fenômeno crescente na atualidade, confirma-se a importância do presente estudo, que pode auxiliar a compreender melhor o desejo de descendência nos homens.

Referenciando alguns trabalhos, a tese de Rios (2007), *“Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevista e TAT”*, teve como objetivo investigar as motivações, conscientes e inconscientes, que levaram casais heterossexuais a optarem por não ter filhos. Participaram dessa pesquisa três casais na fase final da fertilidade, com mais de oito anos de escolarização e casados a mais de quatro anos. Concluiu-se que os motivos que levaram a essa escolha foram multifatoriais e multideterminados, envolvendo diferentes níveis de ambivalência e de conflitos em cada casal.

Mais especificamente sobre a não-maternidade o artigo *“Tem que ser uma escolha da mulher!” Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção*”, de Patias e Buaes (2012) buscou compreender como se constitui a identidade de mulheres que optam em não ter filhos. Os resultados sugerem que a mulher constitui sua identidade a partir da negação das representações culturais, inclusive a negação de que a maternidade e o amor materno são constituintes da figura feminina.

No artigo de Barbosa e Rocha-Coutinho (2012) “*Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos*” realizou-se entrevista com mulheres cariocas que declaram seu desejo por não serem mães, buscando identificar o que, para elas, significa ser mulher. Observaram que a figura feminina hoje está em transição, do modelo mulher-mãe, para o modelo mulher-mãe-trabalhadora ou para um modelo onde mulheres buscam seu próprio caminho, podendo inclusive optar pela não maternidade.

Rios e Gomes (2009a) apresentam uma revisão da literatura em seu artigo sobre a opção de não ter filhos, tendo realizado uma pesquisa nos principais bancos de dados nacionais e internacionais. Os achados apontam para mais de 200 publicações acerca do tema, se incluídos teses, resumo de dissertações, resenhas de livros e artigos. Constatou-se que estudos estrangeiros são abundantes na produção teórica sobre o tema, enquanto que no território nacional, a produção divulgada ainda é escassa.

O presente trabalho não pretendeu generalizar resultados, mas, a partir de uma imersão na teoria psicanalítica, produzir reflexões e fazer tencionar conceitos fundamentais para este arcabouço teórico, de modo que possam auxiliar no trato da problemática paterna na clínica contemporânea. Além disso, a despretensão em predizer ou generalizar os resultados, vão ao encontro com a noção de que o ser humano não cabe em nenhuma teoria já escrita, de modo que não é possível determinar seu futuro. Assim, o complexo mundo dos homens se coloca tal como uma esfinge que traz a questão: decifra-me ou devoro-te! No entanto, ao passo que pede para ser decifrada, é capaz de engolir aqueles que acreditem terem descobertos seus segredos.

2 Decifra-me...

Buscou-se a partir deste trabalho compreender de que forma os homens narram seu “não desejo” de serem pais. Para tanto, o método utilizado para interpretar os dados foi a análise de produção de sentidos. Este método implica na busca da “explicação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo (incluindo a si mesmos) em que vivem” (SPINK; FREZZA, 1999, p. 09). Para se produzir tal análise, foi importante entender sobre as principais dimensões que estão intrincadas na paternidade, a saber: a família, o casal, o homem e sua relação com a paternidade.

Isso se fez necessário porque as bases que nos auxiliam a produzir sentidos sobre o mundo, foram construídas histórica e culturalmente, se misturando com referenciais atuais (SPINK; FREZZA, 1999). Portanto, conhecer as mudanças históricas e o contexto atual auxilia na compreensão do modo como se produz sentido.

2.1 A(s) família(s)

A vida familiar está presente em todas as sociedades humanas, mesmo naquelas com hábitos sexuais e educativos opostos aos nossos, sendo um fenômeno universal (LÉVI-STRAUSS apud ROUDINESCO, 2003). Segundo Turkenicz (1995) a configuração familiar anterior ao século XIX, período de economia pré-industrial, era organizada de forma econômica-social, ou seja, a família era um centro de produções econômicas. Nessa organização, produzia aquilo que consumia, além disso, todos os membros colaboravam com o processo de trabalho, que era dividido conforme o status e o papel ocupado dentro da mesma.

Não era a família que vivia e trabalhava em função de seus membros, mormente em função das crianças, mas, ao contrário, todos os membros viviam em função do grupo familiar; em compensação, o grupo familiar, como tal, protegia seus membros contra os riscos da existência, quanto era possível naquelas precárias situações higiênicas e econômicas: não havia então necessidade nem de creches para as crianças, nem de pensões para doenças, acidentes, invalidez, velhice ou desemprego. [...] A função econômica, por conseguinte, representava um importante fator integrativo do comportamento e das relações familiares (BELTRÃO apud TURKENICZ, 1995, p.77).

Contudo, a industrialização abalou a estrutura desse modelo familiar. A grande família, antes numerosa passa a não atender às modificações de vida e de trabalho, sendo levada cada vez mais a competitividade do mercado industrializado. Segundo Rios e Gomes (2009a), é possível perceber a emergência de novos arranjos familiares que ocupam o lugar do modelo

tradicional e exigem legitimidade e maior aceitação por parte da sociedade. Afirmam ainda que na atualidade, e com as crescentes mudanças, a família pode ser nuclear, monoparental, homoparental, recomposta, recasada, desconstruída, gerada artificialmente, entre tantas outras possibilidades.

Corso e Corso (2011) complementam dizendo que o modelo clássico de família extensiva, com muitos filhos, rodeada de tios, avós e primos, mantendo relações participativas e de trocas não é o que temos na atualidade, onde, muitas vezes, são compostas por pequenos núcleos, formados por um casal e poucos filhos, quando não famílias reconstruídas ou casais homossexuais. Não raras são as situações onde encontramos dificuldade em nomear ou delimitar o que é família hoje e qual sua estrutura. Para Roudinesco (2003) a família é atravessada pela ordem do biológico (diferença sexual) e do simbólico (proibição do incesto), e, é a partir delas que se desenrolaram as transformações da instituição familiar e as modificações do olhar sobre elas.

A família é um sistema, um conjunto de elementos que se relacionam entre si e com o mundo, mantendo equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento, e que é atravessado por estágios de evolução (LOURENÇO, 2012). Percebe-se então que a família, o casamento, os modos de ser homem ou mulher, e, conseqüentemente, a maternidade e a paternidade estão em constante mudança. Deste modo, famílias de modelo tradicional, convivem com novos arranjos familiares revelando diversas formas de ser família e de ser casal (RIOS; GOMES, 2009a).

Portanto, a família que conhecemos hoje é resultante de uma longa evolução, a partir da qual é possível distinguir três grandes períodos: a família tradicional, a moderna e a contemporânea. Na família tradicional, os casamentos eram arrançados e sua ordem repousa numa lógica patriarcal. Já na família moderna, fundada sobre a lógica afetiva, sanciona a reciprocidade dos sentimentos. E, a família contemporânea que, a partir de relações com duração distinta, une dois indivíduos em busca de realizações sexuais ou íntimas (CÚNICO; ARPINI, 2013).

Introduzir a questão dos novos arranjos familiares mostra-se relevante já que é a partir deles que se torna possível investigar como estão se dando os encontros do homem com a paternidade e com o desejo de ter filhos. Do mesmo modo, é importante questionar como o casal coloca em pauta a decisão pela descendência, sendo que, as transformações nos modos de ser casal afetam diretamente os modos de ser pai e mãe. Assim, apresentar um cenário sobre o casal contemporâneo pode auxiliar na compreensão da paternidade na atualidade.

2.2 O casal

Por vários séculos, a união entre os casais foi um acontecimento que envolvia toda a família. Carregado de interesse comercial, cada família tentava fazer dele um bom negócio. Apesar disso, a convivência em casal trazia a promessa da felicidade, ou pelo menos, a evitação da infelicidade, de modo que, aqueles que não optam por uma vida conjugal não teriam acesso à felicidade completa. Essa promessa de felicidade foi transmitida culturalmente, contudo, vivemos numa época em que cada vez mais os casamentos se desfazem (TURKENICZ, 1995).

Nas últimas três décadas, a sociedade brasileira vem sofrendo acelerada modernização de costumes, sendo que os segmentos sociais têm se voltado principalmente para o individualismo (HEILBORN, 1995), que tem influência na constituição e a manutenção do casamento na contemporaneidade (FÉRES-CARNEIRO, 1998). Isso quer dizer que cada vez mais os ideais da relação conjugal enfatizam a autonomia e a satisfação de cada cônjuge, e não os laços de dependência entre eles. Para Turkenicz (1995), os casais contemporâneos têm se importado cada vez mais com o desejo dos membros isoladamente e menos com a obrigação. Assim a relação entre o casal vai buscar envolver o desejo dos dois, em todas as variações possíveis, e não mais a união desses ou substituição por um comum ao casal.

Entretanto, é importante destacar que a construção de uma conjugalidade (tornar-se casal) também implica numa zona em comum, ou seja, devem-se ter ideais advindos da vida a dois. Sendo assim, o casal é confrontado todo o tempo com questões individuais e da própria relação (FÉRES-CARNEIRO, 1998). O ponto de vista de Heilborn (1995) sobre a conjugalidade moderna pode ser entendida como a demanda de equilibrar os espaços da individualidade de cada membro e do terreno conjugal, isto é, o tempo e espaço compartilhado entre os dois.

A conjugalidade encerra assim uma realidade supra-individual e se move em termos de um contrato, não necessariamente consciente, que chancela uma dependência recíproca entre os parceiros. É esse caráter privilegiado do casamento [...] que explica a operação de certos mecanismos sociológicos, que acoplados à regra simétrica da troca – a mutualidade – dá origem a uma espécie de contabilidade conjugal (BERGER; KELLNER apud HEILBORN, 1995, p. 96).

Quanto à descendência e o casamento, numa perspectiva histórica, exposta por Solis-Ponton (2004), observa-se que foram, no início, uma aliança para afirmar a virilidade e a transmissão do poder masculino, mas, entre os séculos XII ao XVIII, as manifestações de

ambivalência relacionadas à procriação permearam o terreno das famílias. Fundamentalmente a partir do século XVIII surge o sentimento de amor pela criança e a preocupação pelo seu futuro.

De acordo com o Schopenhauer, um dos pensadores que se propôs a investigar o casal, o matrimônio é “uma cilada que nos arma a natureza” (apud TURKENICZ, 1995, p. 09). Para ele, o ser humano é um animal feroz a serviço da espécie, ou seja, da garantia de sua perpetuação – a reprodução. Desse modo, a atração amorosa serviria apenas para a natureza garantir seu propósito, ainda que os casais não se deem conta disto. Segundo o autor citado acima, “a atração amorosa [...] não seria mais que uma astúcia empregada pela natureza para conseguir seus fins” (SCHOPENHAUER apud TURKENICZ, 1995, p. 09). Acrescenta ainda que “por mais que os namorados não o suspeitem, a finalidade de toda novela amorosa é um nascimento; o enredo, que leva as personagens ao desenlace, é coisa secundária” (p. 09). Além disso, aquele que foge à regra da procriação e que “tenta resistir aos seus mandatos, verá, impotente, seus valores individuais serem esmagados, suas pretensões serem contrariadas, seus ideais desvanecerem-se como por encanto” (apud TURKENICZ, 1995, p. 09).

Já com o cenário atual de busca do equilíbrio entre os desejos do casal e de cada membro isoladamente, a maternidade/paternidade passou a ser uma opção, de modo que houve um aumento do número de casais que optam em não ter filhos (RIOS, 2007). Além disso, a igualdade de gênero no que tange o investimento na carreira profissional (LOURENÇO, 2012), bem como a busca pela manutenção da intimidade e liberdade do casal para realizar atividades a dois (PAPALIA; OLDS apud LOURENÇO, 2012) também podem estar associados ao aumento de casais que optam pela não descendência.

Segundo Rios e Gomes (2009b) a escolha pela não maternidade/paternidade pode gerar um estigma social, ou seja, essa escolha é entendida muitas vezes como uma característica desviante do que é socialmente esperado. Aqueles que optam em não ter filhos sofrem pela pressão social e pelo preconceito, sendo que essa opção é vista muitas vezes como egoísmo, inclusive no que tange a necessidade de reposição da população. Mas, apesar da experiência da não maternidade ser tão complexa, conforme apontada por Letherby apud Rios e Gomes (2009b), já houve mudança no discurso relacionado à opção da descendência.

Maldonado (apud GIONGO, 2005) comenta que a inserção da mulher em outras esferas da vida que não a privada, permitiu que o casamento e a maternidade passassem a ser uma opção, possibilitando uma maior independência. No que tange os homens, Betts (2005), afirma que muitos se encontram em crise ou inseguros, uma vez que as referências identitárias

construídas pelo patriarcado já não servem nos dias atuais. Assim, o homem deixa de ser o todo poderoso no espaço público e privado, vendo-se destituído do poder de decidir o destino da esposa e dos filhos.

Para Scavone apud Rios e Gomes (2009b), a opção ou não pela maternidade foi consolidada graças ao avanço da industrialização e da urbanização, o que possibilitou uma dissociação entre a figura da mulher e mãe. Contudo, apesar de saber da importância de que a escolha pela descendência seja feita pelo casal, os autores têm observado que grande parte dos estudos publicados contemplam principalmente a mulher.

Para Rios e Gomes (2009b) este fato corrobora com a visão construída socialmente, da família tradicional, onde a mulher era única responsável pelo mundo doméstico e pelos filhos. Além disso, o papel secundarizado dado ao homem frente à criação dos filhos contribui para uma visão onde a mulher é responsável pelo cuidado e atenção, e o homem, pelo sustento físico e não por envolvimento emotivo (LIMA, 2011).

A ausência voluntária de filhos nos casais ainda é um fenômeno crescente, sendo que o número de estudos publicados que abarquem o tema ainda é limitado, ao menos no que tange a produção no país. Pode-se supor que, a baixa produção teórica advém da dificuldade na obtenção de dados, uma vez que as informações disponíveis não deixam clara a situação do casal em questão e os motivos que levam a não descendência (RIOS, 2007). Além disso, a escolha por não ter filhos muitas vezes é entendida socialmente como desviante daquilo que se espera, sendo interpretado como patológico, anormal, egoísmo, entre outros conceitos discriminatórios. A pressão social e o preconceito, vividos por aqueles que optam pela não descendência dificultam o acesso a esta população (RIOS; GOMES, 2009b).

As constantes alterações nos modos de ser família, casal, homem e mulher na contemporaneidade reforçam a necessidade de realizar estudos que abordem esses temas, contribuindo com a ampliação dos saberes nesse campo. Estes estudos contribuem para a melhor compreensão do sujeito que padece frente às diversas demandas presentes na atualidade.

2.3 O homem e a paternidade

O lugar ocupado pelo pai já teve destaque nos estudos de Freud e Lacan. Sabe-se que a figura paterna na constituição do sujeito é essencial, sobretudo porque o pai, desde as primeiras fases do amadurecimento do bebê vai agir de forma a sustentar a relação existente entre a mãe e o bebê, poupando a mãe de ter que se preocupar com coisas externas. Assim, a

partir da segurança transmitida pelo pai, o bebê se insere em um ambiente suficientemente bom, possibilitando melhores condições para seu desenvolvimento (ROSA apud PEPPL; NUNES; VIEGAS, 2011).

Para Aulagnier, assim como para Lacan, o primeiro representante do Outro para o bebê é a mãe, sendo que o pai seria o primeiro representante dos Outros (VIOLANTE, 2007). No entanto, conforme Violante (2007) acrescenta é possível que a criança cresça sem o pai, desde que haja outro representante, e que exerça esse papel.

Além de fornecer segurança, o pai também estabelece uma quebra da simbiose existente na dualidade mãe-bebê, introduzindo as diferenças e auxiliando na individuação e na socialização do bebê (MACIEL, 2010). Para Garcia (2011), o discurso cultural delega ao pai o direito e o dever de transmitir suas leis, ou seja, o pai vai constituir uma terceira referência que irá garantir à criança a inserção na ordem cultural, a qual pai e mãe são submetidos.

Portanto, a figura paterna é importante tanto na construção de uma estrutura interna que possibilite que o bebê realize a passagem do contexto familiar para o social, quanto na visualização de um mundo real, que vem quebrar a visão idealizada vivenciada pelo bebê. Assim, um pai ou alguém que ocupe este lugar, mostra-se indispensável desde os primeiros momentos da vida da criança (LIMA, 2011).

Dada a importância de um Outro na triangulação da relação dual entre mãe-bebê, compreende-se que este lugar pode ser ocupado por alguém que não a figura paterna, o que remete novamente as configurações familiares da atualidade, como por exemplo, quando o casal é formado por duas mulheres. Portanto, o que se discute aqui é a presença de um Outro que vá garantir ao filho a vivência da triangulação.

Sobre a função paterna, Aulagnier considera que é demarcada por três referentes, a saber: “a interpretação que a mãe tem acerca da função de seu próprio pai; a função que a criança atribui a seu pai e a função que a mãe lhe atribui; o que a mãe deseja transmitir ou interditar a respeito desta função” (apud VIOLANTE, 2007, p.09). À estes, Violante (2007) acrescenta mais um: a função que o próprio pai se atribui e a que exerce, a qual dependerá tanto de influências socioculturais quanto de sua estruturação psíquica. Assim, é possível compreender que, ainda que a mãe tenha alguma influência na inclusão ou exclusão do pai na vida do bebê, ele tem responsabilidades sobre esse processo. Desse modo, Aulagnier (1979) afirma que

a exclusão do pai implica, de sua parte, um querer excluir-se, que o eventual desejo de castração da mãe a seu respeito é tanto mais operante, quanto ela encontra no parceiro um desejo de desempenhar este papel de vítima. A isto acrescenta-se o que nos mostra a clínica: a importância da problemática do pai, de sua violência, de sua atitude maternal e, mais geralmente, do agir e do discurso pelos quais se manifesta, na cena do real, seu desejo pela criança (p. 137).

Sobre o desejo de ter ou não filhos, Garcia (2011) ressalta a partir da obra de Aulagnier que este desejo pela descendência é herdado da mãe, ou seja, é ela que vai transmitir o desejo de que seu (sua) filho (a) torne-se pai (mãe). Dessa forma, o encontro entre pai e filho seria a prova de que foi transmitido um desejo que se refere à função paterna, advindo da própria mãe. Para Aulagnier (1979) o acesso a este desejo vai depender da constituição psíquica resultante da passagem pelo Complexo de Édipo e o modo como se assumiu – ou não – a castração simbólica. Contudo, ainda que o desejo de ter filhos seja resultante de uma transmissão materna, o acesso a este desejo depende da constituição psíquica de cada sujeito, desta forma, o desejo por filhos vai depender do modo como se constitui o psiquismo de cada membro do casal.

Violante (2007) acrescenta ainda que o desejo de ter filhos é inconsciente. Para Aulagnier (1979) este desejo relaciona-se com a figura materna que por sua vez faz referência a função exercida pelo próprio pai. Assim, o desejo pela paternidade estaria

intimamente ligado aos votos relacionados à esfera materna e à era de seu poder. A antecipação característica de seu discurso, quando se trata de um filho, vai transmitir- lhe um desejo identificatório — tornar- se pai — que se refere a uma função que ela não possui e que ela só pode referir à função de seu próprio pai. Neste sentido, seu discurso fala de uma função que passa de pai a pai (p. 137).

Para além do desejo, podemos encontrar muitas dificuldades relacionadas à paternidade, que gera no homem o despertar das conflitivas relacionadas ao próprio pai, bem como a revivência da resolutiva do Complexo do Édipo ou da Castração, tão importantes para a constituição do sujeito. Essa revivência, por sua vez, pode gerar uma espécie de fobia, dependendo de como se deram suas conflitivas na infância (MOREIRA; BORGES, 2010).

O complexo de Édipo constitui uma das problemáticas fundamentais da teoria e da clínica psicanalítica. Para a teoria psicanalítica de Freud, o momento crucial da constituição do sujeito situa-se no campo da cena edípica. Dessa forma, o Édipo não é somente o *complexo nuclear* das neuroses, mas, também, o ponto decisivo da sexualidade humana, ou melhor, do processo de produção da sexualização (MOREIRA; BORGES, 2010, p. 02).

Aulagnier (apud GARCIA, 2011) assinala que o encontro com a paternidade pode produzir efeitos graves para alguns sujeitos, de modo que tornar-se pai implicaria no risco de ver-se alvo do desejo de morte do seu filho. Para Garcia (2011), o encontro com a paternidade traz aquilo que foi reprimido, sendo que isso gera nos homens efeitos semelhantes à psicose puerperal¹, presente em mulheres que se tornam mães. Lima (2011) argumenta que a gravidez gera no homem outras problemáticas, tais como incertezas e dúvidas quanto ao futuro, também vivenciadas pela mulher.

Ademais, ambientes familiares com características de muita conflitiva e rivalidade marcam o inconsciente do pai, que agora se vê frente ao filho, projetando sobre ele experiências dolorosas que passou com seus próprios pais e que não puderam ser elaboradas no ambiente familiar primário. É por este motivo que, para alguns homens, a paternidade se torna algo doloroso, uma vez que desperta sentimentos já reprimidos ligados a própria família (MACIEL, 2010).

Giongo (2005) acrescenta que existe na atualidade uma fragilidade na posição do pai que estaria associada ao declínio do patriarcado, ou seja, o discurso social não se sustenta mais em torno do poder pátrio. Deste modo, temos um deslocamento da condição de pai: de um tempo onde o homem podia se declarar pai para um tempo em que a paternidade depende do desejo de uma mulher e do laço conjugal, e, certamente, isso também gera consequências no homem.

Desse modo, Machado e Cecarelli (apud SILVA; MACEDO, 2012) acreditam que o cenário atual apresenta uma crise da masculinidade, pois, se o homem era definido pelo poder, força e virilidade, hoje, diversas definições se cruzam para tentar descrevê-lo. Araújo (apud SILVA; MACEDO, 2012) acrescenta que esta crise tem relação direta com as mudanças provocadas pelo feminismo, que acabaram por desestabilizar o modelo tradicional masculino. Assim, a emergência de um novo modo de ser mulher impôs a necessidade de revisão do modelo masculino. Todavia, os padrões tradicionais de masculinidade tencionam-se com os modos da cultura atual. Para Silva e Macedo (2012), a ausência de preparação para essa mudança leva, muitas vezes ao adoecimento psíquico do sujeito masculino.

Além disso, devemos estar atentos às vicissitudes da paternidade na contemporaneidade, uma vez que, os avanços no campo da reprodução restringem ao homem o direito apenas ao espermatozoide, podendo ser excluído do processo sempre que a mãe

¹ Distúrbio de humor psicótico que apresenta perturbações graves, com início de duas a três semanas após o parto. Os sintomas característicos são agitação psicomotora, angustia, confusão mental, insônia, podendo evoluir para formas maníacas, melancólicas ou catatônicas, e, mais tarde, para uma depressão (SILVA; BOTTI, 2005).

desejar (GIONGO, 2005). Roudinesco (2003) complementa dizendo que, quem dita às normas da procriação hoje são as mulheres, se tornando detentoras do poder, inclusive, de excluir o pai. Para Giongo (2005), nessa relação, o homem se percebe enquanto descartável e substituível diante do poder da mulher.

Acerca do declínio da função paterna, Corso e Corso (2011b) afirmam que, pensar num declínio seria supor que a figura do pai de outrora corresponderia às expectativas atuais:

Um pai forte é uma figura correspondente à subjetividade de outra época, quando ser pai era a encarnação social de uma autoridade, a posição hierárquica determinada por um papel rigidamente instituído. Ao homem bastava seguir a cartilha, fazer-se ator de um texto que já estava escrito para ele. Esse pai, que parecia tão certo de seu lugar, penetrou nos primórdios do individualismo e da família nuclear como herdeiro de um passado que começou a extinguir-se com as revoluções do século XVIII. Ele provinha de um mundo pautado nos ritos, na hierarquia e na fé, mas tudo isso desmoronou. A partir daí, gerações de homens vêm tentando desempenhar suas funções enquanto pais e fracassando em adaptar seus clichês ao cotidiano de uma família, pois se está excessivamente próximo dos filhos para que funcionem essas representações rígidas do passado. Diferente disso, hoje a família é um espaço aberto a questões, acusações, culpas e reivindicações sem fim (2011, p. 145).

Para Le Camus (apud SILVA, 2007), a paternidade tem sido estudada em três tempos, que segundo o autor constituem “níveis de realidade intimamente imbricados: seu papel, seus comportamentos e sua função” (p. 12). O primeiro está relacionado com as condutas, o segundo com as interações observáveis, ou seja, todos os cuidados dispensados do pai para o bebê, e, o último vai ao encontro dos mecanismos de efeito da presença de um pai para o desenvolvimento da criança. Ademais, a paternidade é compreendida através daquilo que se espera moral e socialmente dela, bem como as ações dirigidas à criança e a consequência da falta de um pai. Assim, o autor supõe que as experiências mais profundas e complexas que envolvem o homem com a paternidade não são abarcadas nestes níveis (LE CAMUS apud SILVA, 2007).

Assim, este estudo mostra que é pertinente para auxiliar na compreensão entre a relação do homem com a paternidade, levando em conta sua importância e complexidade. Objetiva, portanto, apontar questões para refletir sobre o modo que ela afeta os homens na contemporaneidade, considerando a visão de homens que não querem se tornar pais.

3 Metodologia

Após a análise e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul sob parecer nº 991.613, iniciou-se uma busca a partir da rede de contatos da pesquisadora, com a finalidade de encontrar sujeitos que atendessem aos pré-requisitos para participar da referida pesquisa. A coleta de dados foi realizada a partir de entrevista semiestruturada, que foi gravada e transcrita posteriormente. Para participar deste estudo, buscaram-se homens acima de 30 anos, em relacionamento heterossexual com duração superior a um ano e que, por opção (compreende-se por “opção” não haver nenhum impedimento biológico ou funcional que possam estar relacionados a não descendência) não desejam ser pais.

Todo sujeito que aceitou participar, teve dúvidas sanadas acerca do que se tratava a presente pesquisa e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, de igual teor, sendo que uma ficou em posse do sujeito e a outra do pesquisador. Os dados obtidos através da entrevista foram submetidos à análise qualitativa, que teve como base as práticas discursivas e produção de sentido de Spink, na qual se busca compreender como damos sentido ao mundo em que vivemos.

Para Davies e Harré (apud PINHEIRO, 2013) as “práticas discursivas são as diferentes maneiras em que as pessoas, através dos discursos ativamente produzem realidades psicológicas e sociais” (p. 158). Assim, a entrevista é compreendida como “ação (interação) situada e contextualizada, por meio da qual se produzem sentidos e se constroem versões da realidade” (PINHEIRO, 2013).

Parker, citado por Spink e Frezza (2013) acrescenta que a análise de produção de sentidos possibilita experienciar um mundo que vai além da oralidade, compreendendo como a personalidade, as atitudes, preconceitos e etc., são construídos no discurso e como são, a partir destes elementos, construídos os sujeitos.

4 Resultados e Discussões

Este trabalho foi pensado com o interesse de refletir acerca dos discursos trazidos, por homens que optaram pela não paternidade, ou seja, sujeitos que não têm filhos, sob a luz da teoria psicanalítica. Reafirmando o rigor teórico e metodológico do presente estudo, assim como na Psicanálise, não se pretende predizer ou generalizar os resultados obtidos. As hipóteses, geradas a partir das narrativas são apenas fruto de uma reflexão que vai se articulando com conceitos teóricos, não tendo a intenção, de nenhuma forma, de encaixá-los numa determinada categoria. Buscou-se, apenas um tencionamento entre aquilo que foi dito e a teoria que ora elegemos para subsidiar as reflexões.

Ao longo das narrativas, alguns pontos instigaram a refletir teoricamente, de modo que neste trabalho, buscou-se clareza e coerência ética, além da problematização conceitual, visando uma imersão teórica a partir dos discursos daqueles que socializam sua decisão de não ter filhos. Certamente, entendemos que, caso os sujeitos desta pesquisa sejam submetidos à análise, outras hipóteses poderão surgir, devido ao caráter mais profundo deste tipo de abordagem. Portanto, o que se objetiva é uma aproximação com questões ligadas à problemática da paternidade na clínica contemporânea que podemos ter acesso a partir do método utilizado.

Para esta pesquisa, buscou-se homens que declaram sua opção em não ter filhos, tendo sido entrevistados 5 homens que se adequaram neste recorte. Os participantes foram interpelados a partir do universo de contatos da pesquisadora, que, a partir de solicitações, recebeu indicação de sujeitos possíveis de participação. Dentre os participantes, 3 têm 35 anos e 2 têm 32 anos. Um deles não chegou a concluir o ensino fundamental, sendo que um concluiu o ensino médio, um está em formação acadêmica e dois já concluíram o ensino superior. O tempo de união dos participantes varia de 2 anos a 16 anos.

A partir dos conteúdos presentes nas falas dos participantes, algumas questões emergiram, sendo que foram escolhidos três pontos para serem aprofundados, a saber: o desejo de ter filhos e o desejo da paternidade, a repetição enquanto reprodução do mesmo e a identificação com a escolha. No entanto, antes de apresentar essas categorias, evidenciarei passagens nas narrativas desses sujeitos que apresentam pontos de aproximação e distanciamento com relação a “não paternidade”, possibilitando algumas reflexões.

Todavia, quando se tratou do desejo, não se utilizou esta terminologia seguindo minuciosamente os preceitos psicanalíticos, o que teria implicado um aprofundamento teórico especial já que este conceito é fundamental para esta teoria, de modo que, quando se lê desejo

se refere a uma racionalidade, muito mais implicada no campo da vontade, decisão ou escolha.

4.1 A não paternidade e as aproximações entre os discursos dos sujeitos

A partir das entrevistas foi possível levantar algumas questões acerca da decisão de não ter filhos. Sobre o conteúdo trazido pelos participantes, é possível identificar algumas aproximações e alguns distanciamentos. Ressalta-se que o objetivo da pesquisa não é explicar o que leva os homens, de modo geral, a decidir não ter filhos, mas, a partir dessas entrevistas, compreender o que, para estes sujeitos entrevistados, emerge acerca das questões ligadas a esta temática. Como não será dada qualquer informação que possa identificar os participantes, serão classificados, unicamente para exposição das falas, com o intuito de ilustrar o que se formulou de hipóteses a partir delas, como H1, H2, H3, H4 e H5.

Pensando a aproximação de algumas questões trazidas, 4 dos 5 participantes afirmam que a decisão de não ter filhos foi tomada em conjunto com a parceira, embora alguns afirmem que já não demonstravam interesse pela paternidade mesmo antes do relacionamento. Sobre não ter filhos H1 comenta que *“nunca foi uma das minhas prioridades [...] então, quando eu e a (parceira) casamos, ela também tinha na cabeça que ela não queria ter filhos”*. Para H2 *“não é uma coisa que me faz falta, eu não sinto, não sinto né [...] eu acho que deve ser muito bom ser pai, muito bom, eu não sei se eu to a fim de arriscar, nem eu, nem minha esposa”*.

Já H3 acerca da descendência: *“não, nunca me passou assim pela cabeça [...] logo quando nos conhecemos (parceira), que daí eu já falei logo que eu não queria ter filhos, que a minha ideia era essa, e ela já abriu o jogo também que ela não queria, então a gente já desde o começo a gente se abriu um pro outro e decidimos isso aí, como ela já não queria ter e eu já tinha a ideia de não querer ter, a gente já conversou logo sobre isso”*. Nesta passagem, é possível compreender que, ainda que a decisão tenha sido negociada pelo casal, os homens já tinham um conceito formado sobre essa escolha, ou seja, emerge um sentido de que já haviam decidido por não ter filhos e encontram na parceira um apoio a tal escolha.

Evidencia-se na fala de H5 que esta decisão pela não descendência ainda não foi acertada ou acordada entre o casal: *“não tá muito negociado ainda, às vezes ela entra numa coisa assim porque ela inventa que eu vou ter, que eu vou ter, não sei o que, mas ela não fez nada por conta assim, de cortar algum anticoncepcional [...] não sei se eu abriria mão da minha decisão, vai dar um assunto grande, eu não sei”*.

O que emerge a partir dos discursos desses homens é que, em nenhum momento a escolha foi unicamente da mulher, ou seja, nestes casos, a opção por não ter filhos é uma escolha também do homem. No caso de H5, apesar da escolha ainda não ter sido bem discutida entre o casal, ele não se mostra disposto a abrir mão de sua escolha. Para Rios (2007), o pacto entre o casal acerca da não descendência pode estar a serviço de diversas funções, podendo atuar como mantenedor do laço conjugal ou ainda enquanto aspecto defensivo. A partir dos resultados da sua pesquisa de dissertação acerca da opção de não ter filhos, Rios (2007) acredita que, quanto mais flexível for o acordo entre o casal no que tange a descendência, menor seria a necessidade de se defender.

Outro elemento presente na fala dos entrevistados diz respeito a cobrança externa pela paternidade, ou seja, os sujeitos são interpelados por terceiros acerca da paternidade. Em alguns momentos, chegam até falar de preconceito, por exemplo, na fala de H1, onde diz: *“eu comentava com um ou com outro que eu não queria ter filhos, queria construir minha base e tal, as pessoas diziam, ai (participante), que feio, mas não é uma coisa que me isolava do cordão de, mas eu tenho consciência que existe um preconceito velado. [...] Ninguém chega pra ti e diz, ah, tu não tem filho tu não pode ã, como quanto tu é criança e ah, tu não pode, não pode brincar, isso não acontece, acho que isso seria um preconceito, mas, [...] então sempre depende do ponto de vista, cada um vai defender a sua posição”*.

Na fala de H2, essa cobrança aparece na família e no ambiente de trabalho: *“a minha mãe, o meu pai, por exemplo, e a mãe e o pai dela, perguntavam muito assim de ter filho, ah, quando vai me dar neto [...] minhas colegas da secretária, todas, vieram e daí tu não teve filho ainda”*.

Na fala de H3, as situações são trazidas para o âmbito pessoal e profissional: *“eu já nem comento muito né porque tem gente que acha um absurdo. Dizem que eu não sei o que eu quero, que eu ainda vou querer ter, que eu vou mudar de ideia, eu chego eu nem falo muito sobre isso, alguns até falam né vamos ver né, e tem gente que ficam bravos [...]tu não sabe o que que é ter um filho, tu chegar em casa e ter um filho, claro, isso deve ser bom, mas, sei lá isso, todos os meus colegas acham um máximo ter um filho, um, dois, meu irmão tem três, acha ótimo, mas eu não sei, eu fui amadurecendo assim, e eu decidi não ter, a minha mãe me cobrava isso aí que eu era o único [...] Uma vez fui fazer uma entrevista em uma firma ela me pediu se tinha filhos, eu disse não e não quero ter, eu notei que ela não gostou dessa resposta, e aí ela até na hora falou assim, bom, temos outra entrevista pra fazer, se passar dessa aí qualquer coisa eu te ligo, parece que meio que me descartou na hora, eu acho que tem muita gente que, nós passamos aquela vez no mercado lá, comentando aí até a*

(companheira) comentou, não, mas nós temos um gatinho, a mulher tava atrás disse assim, eu vou fazer de conta que eu nem ouvi isso, e ficou brava”.

Quando comenta que não quer ter filhos, H4 relata que é “*vitima de bullying (risos), tu não pode falar num círculo que tu não quer ter filho, sofre uma certa rejeição, o casal que diz que não quer ter filho, ele tem, as pessoas não conseguem entender, elas tem dificuldades de entender porque tu não quer ter filho, já aconteceu, várias vezes, aí tu tenta explicar e não consegue, mas porque tu não quer ter filho, sabe, tu vai se arrepender [...] eu acho muito complicado em relação a um grupo de pessoas me questionar isso, né, é nossa vida, nossa vida conjugal, nossa decisão, só que é, bem forte isso mesmo de grupos sociais, principalmente quando tu vive com outros casais e tu diz que não quer ter filhos [...] então eu não consigo entender como as pessoas se espantam tanto com essa decisão de não querer ter filhos”.*

Nas narrativas de H5, ele afirma ser criticado pelos outros, principalmente colegas de trabalho, “*porque tu não tem um filho, porque é a coisa mais legal do mundo tu ter um filho, tu ser pai e não sei o que, os motoristas tudo falam, ah tu tem que ter um filho, tu tem que ter filho”.*

As situações narradas pelos participantes vão ao encontro das reflexões trazidas por Rios e Gomes (2009b), que discutem sobre os estigmas sociais. Os autores citam Goffman ao afirmar que quando uma pessoa tem algo que a diferencie das demais, esta deixa de ser considerada “comum”, sendo que a escolha por não ter filhos pode ser compreendida como desviante daquilo que se espera socialmente.

Dessa forma, a escolha por não procriar pode ser entendida como uma característica desviante do que é socialmente esperado, sendo interpretada muitas vezes como anormalidade, patologia, falta de saúde, egoísmo, falta de dever cívico – no que diz respeito à necessidade de reposição da população, entre outros conceitos. A faceta da pressão social e do preconceito sofridos pelos que escolhem não ter filhos, cristalizada em estereótipos em relação a quem faz tal opção, aparece como extremamente relevante nos estudos acadêmicos da área (RIOS; GOMES, 2009b).

Quando se referem a um “preconceito velado”, ao “bullying”, quando afirmam que sua escolha pode parecer “egoísmo”, acredito que esteja operando nesses sujeitos o discurso reproduzido na sociedade atual, e, de alguma forma podem se sentir inclusive excluídos por sua opção de não ter filhos ou pressionados pelo discurso social.

Rios e Gomes (2009b) em seu estudo, com casais que optam por não ter filhos, verificam inclusive que os quatro casais entrevistados apresentam reflexões sobre como percebem a estigmatização social a qual são submetidos, lidando de formas diferentes em cada

caso. Os dados apresentados pelos autores, além de corroborar com estudos internacionais sobre o tema, são coerentes com as narrativas trazidas pelos homens que optaram por não ter filhos.

Condições econômicas e financeiras foram recorrentes nas entrevistas, sendo apresentadas de duas formas, a saber: ligada a dificuldades econômicas na infância ou ligada a vida adulta e condições necessárias para ter filhos. No caso de H1 e H3 o primeiro ponto está mais presente, onde trouxeram, respectivamente que *“não que eu tive uma infância difícil, mas eu queria coisas que eu não tinha acesso. Aquela coisa assim, nós tínhamos uma vida, não tão ruim e sofrida, socialmente falando, mas tínhamos bastante limitações financeiras, só o pai trabalhava”* (H1), e na fala de H3 *“nós passemos dificuldade desde pequeno, minha mãe, criou nós 5 sozinhos, e ela também as vezes trabalhava e cuidava de criança, chegava a cuidar de duas, três crianças pequenas, não é fácil”*.

Em outros momentos em que questões econômicas são trazidas, elas dizem respeito a vida adulta e sobre as condições necessárias para se criar uma criança hoje. H2 *“no começo do meu relacionamento com ela, eu dizia que eu não queria porque eu era muito novo, e que minha situação financeira e econômica não era, era muito dependente de plantão [...] tudo isso acaba jogando né, essa oportunidade de ter filhos pra quando a gente já tivesse, por exemplo, uma carreira mais consolidada, pra não fazer nenhum tipo de aventura, tivesse planejamento mesmo pra ter um filho”*. No discurso de H4, *“sempre as situações foram muito difíceis pra nós e naquela época agente, vamos se cuidar pra não ter filhos porque economicamente era inviável pra gente, a gente sabia que já tava ruim a coisa se viesse um filho ia ser bem complicado”*.

Importante salientar que as narrativas dos sujeitos H1, H3 e H5 parecem não dar espaço para a entrada de um filho. Considerando que, mesmo que não tenhamos passado por determinadas experiências, experimentamos sempre uma hipótese formulada sobre o que aconteceria caso passássemos por determinada situação, ou seja, tendemos a projetar uma imagem de nós mesmos num futuro onde esta ou aquela experiência é possível. Nos casos desses sujeitos de pesquisa, essa dificuldade em se projetar num lugar de “possível pai” parece reafirmar a falta de espaço para esse “possível filho”. Nas narrativas de H5, por exemplo, quando é questionado sobre o que pensa sobre a paternidade e sobre ser pai, ele não sabe o que responder, levando a pensar que nunca formulou a ideia de ser pai/ter filho, nunca preencheu este espaço. Quando questionado acerca do lugar que um filho ocuparia na vida do casal, H3 não sabe responder, assim como não sabe responder como deve ser pai, nem como

os casais lidam com a chegada dos filhos. Já H1 fala claramente que não saberia que lugar um filho, de sua vontade, ocuparia.

Rios (2007) apresenta que os casais de sua pesquisa, que optaram em não ter filhos, assim como aqueles que optam em ter filhos, tem potencial para desenvolver diferentes vinculações e projetos, ainda que a descendência, no caso do primeiro, não seja um destes projetos. Além disso, a autora acrescenta que, a inclusão de filhos não significa ter “capacidade de recebê-los e suportá-los” (p. 137). Trazendo para o enunciado dos sujeitos entrevistados, é visível a impossibilidade de incluir um filho nos planos de vida do casal, seria esta dificuldade em incluí-los uma incapacidade em recebê-los e suportá-los?

Outra questão interessante de ser destacada é que alguns fizeram questão de salientar que, o fato de não quererem ter filhos não significa que não gostam de crianças, e afirmam que, quando falam sobre essa decisão, as pessoas logo concluem que não querem filhos por não gostar de crianças, principalmente em H1, H2 H3 e H4.

4.2 A não paternidade e o distanciamento entre os discursos dos sujeitos

Para além das aproximações, muitas foram as peculiaridades trazidas nos discursos dos sujeitos entrevistados. Serão evidenciadas algumas delas por ajudarem na reflexão sobre a (não) paternidade na contemporaneidade. Em H1, o discurso trazido acerca das motivações que levaram a essa escolha, ficaram subentendidas, como se, de alguma forma, algumas resistências não possibilitassem que ele expressasse realmente os motivos. O que parece permear o seu discurso é o não desejo de ter filhos, sendo reafirmado durante várias etapas da entrevista, em diferentes perguntas: *“pra mim, eu não tinha vontade, eu dizia que não iria ter filhos [...] nunca foi uma das minhas prioridades [...] se eu fosse elencar as minhas prioridades de vida tanto profissional quanto pessoal, não sei em que lugar ficaria um filho de minha vontade”*.

Além disso, parece que H1 questiona-se sobre o desejo de ser pai, uma vez que na mulher, a certeza da maternidade é algo mais claro para ele: *“no fundo no fundo, ela (parceira) tem uma vontade de ser mãe, e, eu acho assim, que pela própria cultura brasileira no sentido geral da palavra, eu acho que, a mulher ela é preparada, em todos os sentidos para ser mãe, mesmo que inconscientemente, a própria brincadeira de boneca ela é, tem esse viés, de preparar a mulher a longo prazo, e ir construindo esse instinto maternal [...] tinha uma vontade, talvez maior dela do que minha [...] acho que pelo próprio instinto de perpetuação da espécie, uma coisa física no sentido de que assim [...] não é aquela pressão tanto cultural quanto social, mas eu acho que alguma coisa desencadeia na gente,*

instintivamente [...] aquilo acaba te instigando de uma forma que eu não conseguiria explicar da minha parte sabe, por isso eu acho que é uma coisa mais instintiva”.

Outro ponto que chama atenção no discurso de H1 diz também sobre o desejo. Talvez, por não ter claro de onde vem o desejo da paternidade, ele, ao mesmo tempo em que narra a possibilidade de ter filhos, imediatamente constrói outras possibilidades de não ter *“um belo dia decidimos deixar de se cuidar [...] a gente a princípio sabia que não tinha nenhuma limitação física ou biológica, a gente não tem nenhum problema e tal, mas tem gente que tenta uma vida inteira, não tem nada, mas não consegue”.*

Segundo a fala de H2, a possibilidade de filho está colocado sempre numa situação que levaria ao pai a perda de algo, *“seria pra mim ter um filho hoje uma preocupação a mais [...] no começo tem que se dividir muitas atividades, é muito cuidado também tu acaba dividindo não adianta tu deixar só pra um [...] é uma pessoa a mais dentro de casa, então, vai acabar tendo as limitações de ter uma pessoa a mais dentro de casa [...] obviamente teria um impacto econômico no início, é obvio, né, porque é um membro a mais na família [...] eu acho que ocuparia muito espaço no meu dia, sabe, do pouco tempo que eu já tenho disponível [...] eu acho que teria mais o espaço, mais a ocupação de um espaço que hoje eu tenho livre pra mim, então eu teria que dividir o meu tempo, eu teria que dividir com ele [...]vai mudar nosso relacionamento talvez em algumas coisas, porque tu acaba tendo, não é dividir o amor, mas tu acaba tendo que compartilhar o amor com mais uma pessoa”.*

Além disso, H2 lança mão dos argumentos dos amigos para reafirmar que sua opção – de não ter filhos – é a melhor: *“eu digo, não, não tive, bah, olha, bem que tu faz, se fosse hoje eu também não teria, muitos dos que tiveram, tem filhos pequenos, 4, 5 anos, eles me dizem isso”.*

Nos discursos de H3, o não desejo pela paternidade parece ter sido uma construção, uma vez que, sua narrativa leva em conta a dificuldade sofrida pela mãe ao criá-lo e aos irmãos, bem como das dificuldades sofridas pelos irmãos: *“eu fui vendo meus irmãos tendo, aí vendo eles tendo, eu não sei eu, o tempo foi passando eu vi eles né, ter um filho também não é fácil né, foram passando dificuldades, e eu fui pensando, pensando e aí conforme passou esse tempo e eu decidi não ter [...] minha mãe, criou nós 5 sozinhos, e ela também, às vezes, trabalhava e cuidava de criança, chegava a cuidar de duas, três crianças pequenas, não é fácil, e hoje em dia como ta pra criar uma criança assim”.* Nessa fala, ele demonstra a construção que foi fazendo com relação a ter filhos, que é a da dificuldade.

Em H4, o discurso acerca da não paternidade é regado de questões fortemente econômicas, trazidas ao longo de suas falas, que por fim, culminaram na construção de que eles (o casal) não tinham certo perfil de pais, “*não, a gente não tem esse perfil*”.

Nas narrativas de H5, o sofrimento a que somos submetidos no mundo é o motivo apresentado para não ter filhos “*porque eu penso que o mundo é meio complicado assim sabe, e eu não vejo lugar pra botar mais um no mundo assim sabe, pra sofrer assim, a gente veio pra sofrer no caso [...] já tem gente demais no mundo [...] gente demais pra sofrer [...] eu só não tenho filho porque não to vendo, assim sabe, propósito [...], nós viemos aqui pra sofrer, nós estamos aqui pra se lascar, não adianta fugir né*”.

Assim como H2 cita os amigos para reafirmar que fez a melhor decisão, H5 cita colegas de trabalho, mas, diferente do sujeito H2, ele não utiliza como forma de reafirmar seu ponto de vista, mas talvez o contrário, de afirmar que os outros não sabem o que querem, como em sua fala, por exemplo, “*às vezes a pessoa fala que tem ideia de ter filhos, ele tem uma ideia daqui há pouco ele não tem mais, aí tu fala com pessoas aí tão dizendo ‘ah, mas se eu soubesse que ter filhos é assim não tinha filho’, mas antes tão te dizendo, ‘mas ah, porque tu não tem um filho, porque é a coisa mais legal do mundo tu ter um filho, tu ser pai e não sei o que’ [...] daqui um pouco tão dizendo ‘se eu soubesse que ter filhos era assim’*”.

4.3 Identificações com a escolha

A partir da leitura das narrativas dos sujeitos da pesquisa, uma questão mostrava-se presente, a saber: o quanto os sujeitos se identificam com sua decisão de não ter filhos? O quanto estão seguros desta decisão? É possível identificar dúvidas em seus discursos? Para tentar compreender de que forma a identificação estaria presente no discurso da não paternidade, foi necessário entender como se dá o processo identificatório.

Para Garcia (2001), a identificação simbólica ocorre em dois tempos, a saber: desde o momento da constituição do Eu até a castração, sendo que neste momento o que impera é o discurso materno que é enunciado ao Eu idealizado; e, no segundo momento, onde o Eu é desidealizado, devendo abrir mão de ser a realização do desejo da mãe para poder investir no Eu futuro, ou seja, num projeto identificatório.

Projeto identificatório designa os sucessivos enunciados através dos quais o sujeito define, para si mesmo e para os outros, seu ideal, seu projeto, seu anseio, ou seja, o seu Eu futuro e que, em função desta meta traça seu percurso. O projeto representa a resposta que o sujeito se dá a cada vez que se depara com a pergunta: “quem sou eu?”, indagação que jamais nos abandona! A construção e o investimento do Eu nessa imagem ideal projetado no futuro depende da entrada em cena do pai e da modificação que sofre a problemática edipiana, ou seja, os sucessivos enunciados pelos quais o Eu se definirá, para si e para os outros, está em estreita relação com as modificações que sofre a problemática identificatória e a economia libidinal (GARCIA, 2001, p. 34).

Deste modo, com a resolução do complexo Édipo e com o abandono do investimento da catexia nas figuras parentais, busca-se uma identificação com algo que está no futuro, o que implica não querer mais substituir ou ocupar o lugar do outro, mas construir seu próprio lugar. Além disso, ainda que, primeiramente, o Eu seja produzido a partir do discurso materno, logo em seguida deve contar com o enunciado do pai, primeiro representante dos outros e do meio. Portanto, os primeiros referenciais identificatórios são interditos pela mãe e pelo pai, os quais remetem ao desejo de que o filho possa realizar seus próprios sonhos, sendo que estes podem corresponder a um projeto possível ou impossível.

No entanto, para que o sujeito possa investir em emblemas identificatórios independentes do discurso materno e paterno, é necessário que a oferta do meio apresente um tipo de futuro prazeroso, a promessa de que o Eu se tornará algo valorizado pelo meio e pelo próprio sujeito. Assim, o Eu vai se constituindo a partir de duas dimensões, a saber: a identificada, que advém dos enunciados de seus pais e a identificante, que realiza uma apropriação dos enunciados, para em seguida transformá-los e enunciá-los.

Deste modo, pode-se compreender o projeto identificatório enquanto uma projeção de si no futuro, podendo ser do nível do possível ou do impossível. Dentro dos ideais possíveis, pode-se encontrar a decisão de não ter filhos dos sujeitos da pesquisa, que não mostram ambivalência em seus discursos, fazendo supor que há uma identificação com a escolha. Nas narrativas, essa identificação é evidenciada quando: *“pra mim, eu não tinha vontade, eu dizia que não iria ter filhos”* (H1); *seria pra mim ter um filho hoje uma preocupação a mais, não é uma coisa que me faz falta... Eu acho que deve ser muito bom ser pai, muito bom, eu não sei se eu to a fim de arriscar, nem eu, nem minha esposa* (H2); *“conforme passou esse tempo e eu decidi não ter [...] não sei como explicar, mas eu decidi não ter”* (H3); *“a agente não tem esse perfil”* (H4); *“eu só não tenho filho porque não to vendo, assim sabe, propósito [...] eu não vejo lugar pra botar mais um no mundo [...] eu não vejo lugar pra botar mais um no mundo”* (H5).

Ademais, estas afirmações presentes nos discursos desses sujeitos, bem como o desenrolar das entrevistas vão dando indícios para pensar acerca do quanto eles se identificam com sua escolha. Pensando que a identificação parte dos enunciados dos Outros, que são transformados pelo sujeito, para que então possa ser enunciado pelo EU, será que em algum momento, esse desejo de não ter filhos foi enunciado por algum outro e internalizado pelo sujeito enquanto ideal de futuro? Será que os discursos de dificuldade em criar um filho podem ter sido transformado em desejo de não tê-los? Será que foi o sofrimento passado? O sentimento de perda? Todos estes podem ter sido enunciados emitidos por outros e transformados em não desejo?

4.4 Desejo de ter filhos e desejo de paternidade

Borges (2006), ao longo da sua dissertação, realiza uma construção acerca do desejo de ser pai. A autora tenta responder a questão “por que um homem desejaria ser pai?”. Segundo a autora, para Freud, o lugar dado ao pai é o do “pai-morto”, uma vez que, nos três escritos que trazem a problemática paterna, sobre o *Édipo*, *Totem e Tabu* e *Moisés e o monoteísmo*, o pai é morto pelo filho ou pelos filhos.

Buscando nos escritos Freudianos, podemos perceber que o lugar ocupado pelo pai é carregado por conflitos que incluem o amor e ódio. A visão sobre o pai é apresentada em três momentos, sendo que o primeiro foi apresentado no desenrolar da cena Edípica, onde sem saber, Édipo assassina o pai, Laio, e se casa com a mãe, Jocasta. Este mito utilizado por Freud demonstra o desejo em possuir a mãe e afastar o pai (FREUD, 1996, v.04).

Em *Totem e Tabu*, segundo momento onde a figura paterna é representada por Freud, o sentimento de ambivalência dos filhos, dirigido ao pai, a morte deste e a sequente identificação. O que se pode perceber nesta produção de Freud é o lugar dado ao pai, ora objeto de ódio, ora objeto a ser amado e de fortes referenciais identificatório.

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente [...] O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força [...] a tumultuosa malta de irmãos estava cheia dos mesmos sentimentos contraditórios [...] Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalçada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo (FREUD, 1996, p. 145-146).

Em *Moisés e o monoteísmo*, o que se percebe é a semelhança com o mito edípico. Contestando a origem de Moisés a partir da etiologia do seu nome, e trazendo pesquisas de Rank, Freud faz uma interlocução entre Moisés e Édipo, que resulta na morte do pai, “o herói é alguém que teve a coragem de rebelar-se contra o pai e, ao final, sobrepujou-o vitoriosamente. Nosso mito faz essa luta remontar até a pré-história do indivíduo, já que o representa como nascendo contra a vontade do pai e salvo apesar das más intenções paternas” (FREUD, 1996, v. 23, p. 23).

Já em Lacan, Borges (2006) refere-se ao desejo da mãe ao Nome-do-pai, ao passo que se questiona o porquê não tratar o desejo do pai. Como não é o objetivo deste estudo repetir o trabalho da autora que aborda de forma minuciosa o desejo de ter filhos por parte do homem, tampouco contestá-lo, serão trazidos para discussão alguns pontos abordados pela autora para pensar o desejo, com a finalidade de entender o não desejo nos sujeitos entrevistados.

A autora revisita os conceitos do Complexo de Édipo e da Castração, uma vez que estes complexos estariam ligados ao desejo pela descendência, no entanto, ele afeta de forma diferente meninos e meninas. Considerando as diferenças entre a forma como se dão esses complexos para meninas e meninos, destaca que, para a menina, ao deparar-se desprovida do falo, passa a ter inveja do pênis, que é, posteriormente, substituído pelo desejo de ter um filho do pai. Sendo assim, a grosso modo, o filho seria a realização do desejo de ter um filho com o pai.

No menino essa substituição é inválida, uma vez que ele possui o objeto de desejo da menina – o pênis. Deste modo, Borges (2006) se questiona se há desejo por ter um filho e de que forma ele acontece no sexo masculino. Assim, ela utiliza Lacan para pensar o desejo de ser pai relacionado ao próprio pai.

No caso do menino, a função do Édipo parece muito mais claramente destinada a permitir a identificação do sujeito com o próprio sexo, que se produz, em suma, na relação ideal, imaginária com o pai. **Mas não é este o verdadeiro objetivo do Édipo, que é a justa situação do sujeito com referência à função do pai, isto é, que ele próprio aceda um dia a esta posição tão problemática e paradoxal de ser pai** (LACAN apud BORGES, 2006, p. 63) (grifo da autora).

Assim, o desejo de ser pai passa necessariamente pela relação do menino com o próprio pai, sendo que o atravessamento pela cena edípica e a vivência do Complexo de Castração seriam fundamentais para a formulação do desejo de ocupar a posição paterna. No caso do menino, ao contrário do que na menina, não ocorre a substituição do falo pelo desejo de ter

filhos, mas, ocorre a identificação com o próprio pai, representante da lei, podendo gerar, ou não, esse desejo. Ou seja, “só é possível ser pai depois que o homem constata a própria castração. Só assim é possível fazer de uma mulher objeto de desejo, e não temer o filho” (BORGES, 2006, p.78), além disso, “para que um filho possa desejar ser pai, é necessário perceber a castração em seu próprio progenitor” (BORGES, 2006, p.78).

Para Aulagnier (1979) o desejo de paternidade está ligado ao discurso materno, ou seja,

“a realização de um desejo de paternidade encontra sua origem num voto enunciado pelo discurso materno [...] a antecipação característica de seu discurso, quando se trata de um filho, vai transmitir-lhe um desejo identificatório – tornar-se pai – que se refere a uma função que ela não possui e que ela só pode referir a função de seu próprio pai. Neste sentido, seu discurso fala de uma função que passa de pai a pai” (p. 137).

Assim, o desejo pela descendência seria herdado da mãe, ou seja, é ela que vai transmitir o desejo de que seu (sua) filho (a) torne-se pai (mãe). Dessa forma, o encontro entre pai e filho seria a prova de que foi transmitido um desejo que se refere à função paterna, advindo da própria mãe (GARCIA, 2001). Para Aulagnier (1979) o acesso a este desejo vai depender da constituição psíquica resultante da passagem pelo Complexo de Édipo e o modo como se assumiu – ou não – a castração simbólica. Contudo, ainda que o desejo de ter filhos seja resultante de uma transmissão materna, o acesso a este desejo depende da constituição psíquica de cada sujeito, ou seja, o desejo por filhos vai depender do modo como se constitui o psiquismo de cada membro do casal. Ademais, o encontro com o filho representaria para o pai a confirmação de que um desejo de ter filhos foi transmitido pela mãe, e de que o pai lhe deu o direito e o dever de ascender a função paterna e a transmissão de sua lei.

A partir do exposto, é possível compreender o desejo de ter filhos de duas formas, a saber: diretamente ligada ao desejo da mãe de que seu filho torne-se pai e intrinsecamente ligada à identificação com o próprio pai, sendo que estas dimensões se complementam, de modo que o que se espera dos pais, é a transmissão de um desejo identificatório, de um desejo de tornar-se pai, o investimento na criança enquanto ser autônomo e desejante. Desse modo, o que foi explanado até aqui acerca do desejo objetiva fazer refletir, bem como ser a base geradora de associações acerca dos conteúdos trazidos pelos sujeitos da pesquisa, narradores de um não-desejo de se tornarem pais.

Levantando hipóteses relacionadas a tópicos de que, o desejo de se tornar pai está ligado a identificação com o próprio pai, então, em algum momento, a identificação com a figura

paterna pode ter sido percebida de modo ambivalente. Além disso, o fato de ter sido percebida desta forma, não quer dizer que tenha sido negativa ou positiva, de modo algum é possível afirmar que o modelo paterno não foi satisfatório. Lembrando que são somente hipóteses que poderiam ser afirmadas, ou não, com processo terapêutico.

Portanto, se levarmos em consideração tais afirmações, podemos supor que houve dificuldades na identificação com a figura paterna, por exemplo: H1 traz em suas narrativas que não tinha muita proximidade afetiva com seu pai, uma vez que quem era responsável pelos cuidados domésticos e dos filhos era sua mãe, sendo ao pai delegado o sustento: *“meu pai ele não dava muito carinho, ou dava, do jeito dele, não me lembro do pai me dando colo ou falando algo tipo e amo, não. Ele passava alguns dias fora [...] Ele até brincava um pouco com a gente, mas das brincadeiras que ele queria [...] gostava de andar com o pai, mesmo que a gente não conversava muito, ele não era de falar muito. Já com a mãe a gente passava mais tempo, como o pai trabalhava fora a mãe se ocupava dos afazeres domésticos e de nós, então tínhamos mais contato”*.

Nas narrativas de H2 o que é trazido é o fato de um filho ser de responsabilidade do casal (pai e mãe) apesar de ao longo da sua fala narrar elementos que afirmam que, sua mãe era quem se ocupava mais com questões como estudos e cuidados e seu pai mais com esportes, e que se tivesse um filho, H2 se ocuparia de mais atividades. Assim, fica subentendido que o pai ocupava um lugar mais secundário na criação dos filhos, lugar que ele acha muito restritivo, levando a crer que não se contentaria em ocupar apenas este lugar caso fosse pai.

A entrevista de H3 revela um pai que morreu cedo, deixando a criação dos filhos com a mãe. Entretanto, este fato por si só não pode evidenciar a falta de uma identificação com a figura paterna. O que acredito evidenciar esta ausência de referencial paterno é a dificuldade em destacar pontos positivos do seu pai, a dificuldade de imaginar como é ser pai, demonstrando talvez uma falta de referência que ocupe este lugar, a dificuldade em colocar um filho na vida de um casal, talvez também por não ter suas próprias referências enquanto filho.

Em H4, o pai, também falecido de forma prematura, e trazido como modelo positivo mesmo que ao longo da entrevista tenha se revelado usuário de substâncias alcoólicas, o discurso é ainda de defesa: *“é uma questão que era involuntária. Meu pai tinha tendência ao alcoolismo, e isso acabava gerando transtornos, mas é uma questão de amadurecimento, porque hoje eu até entendo certas coisas”*. Além disso, o sujeito, a ser interpelado sobre o modo que ele acredita que os homens lidam com a paternidade, afirma *“bem e mal”*. Estaria ele se referindo, mesmo que inconscientemente, ao modelo do próprio pai?

A partir das narrativas de H5, pode-se construir a noção de pai e mãe ausentes, ao narrar que os pais eram separados, o pai era rígido, a mãe meio atrapalhada, morou um tempo com uma madrinha, acha que se lembra do pai visitando por algum período, mas não sabe bem. Sobre a mãe também não sabe dizer muito bem como era. Nesse caso, ele apresenta, por ambos, uma dificuldade em representar o lugar ocupado, supondo que não encontrou em nenhum dos dois, o desejo pelo filho, no caso, o desejo por ele!

O que pode-se dizer dos sujeitos entrevistados é que não apresentaram, ao menos durante a entrevista, indícios de desejo de paternidade, independentemente se for considerado este desejo herdado do desejo da mãe, ou então da identificação com o pai, o que observa-se é que a questão da herança do desejo de ter filhos é rudimentar ou faltante até certo ponto. Apesar disso, não se ignora que esse desejo também possa ser construído ao longo do tempo, tampouco que este desejo depende da constituição psíquica dos membros parentais.

4.5 A Repetição enquanto produção do mesmo

Nos escritos de Freud, o primeiro texto a trabalhar com o tema da repetição foi “*Repetir, Recordar e Elaborar*”, onde ele descrevia a repetição ligada ao processo de transferência, portanto presente nas sessões terapêuticas. Num primeiro momento, o que a Psicanálise visava era recordar e ab-reagir. Posteriormente, com o abandono da hipnose, buscou-se, a partir das associações do paciente, descobrir aquilo que ele não estava recordando. Então, finalmente, a tentativa de pôr em foco uma situação que foi deixada de lado, sendo que, caberia ao analista identificar e interpretar as resistências, de modo que estas fiquem visíveis ao paciente (FREUD, 1996, v. 12).

Acerca da compulsão à repetição, Freud (1996, v. 18) afirma que:

Essa ‘perpétua recorrência da mesma coisa’ não nos causa espanto quando se refere a um comportamento *ativo* por parte da pessoa interessada, e podemos discernir nela um traço de caráter essencial, que permanece sempre o mesmo, sendo compelido a expressar-se por uma repetição das mesmas experiências. Ficamos muito mais impressionados nos casos em que o sujeito parece ter uma experiência *passiva*, sobre a qual não possui influência, mas nos quais se defronta com uma repetição da mesma fatalidade (p. 33).

Pena (2007), seguindo os conceitos Freudianos, afirma que, a compulsão à repetição é quando o paciente repete e atua, sem saber que está atuando, sendo que este processo substitui o recordar, aumentando a resistência. Desse modo, o analista vai trabalhar com o manejo da transferência para que possa bloquear a repetição, permitindo o recordar. Contudo, este conceito acaba se modificando quando Freud, a partir do texto “*Além do princípio do prazer*”,

revisa seu conceito acerca da repetição, incluindo agora a pulsão de morte. A partir de então, a compulsão à repetição vai sempre surgir de uma pulsão, estando presente em todos os momentos da vida do sujeito, e não apenas na análise.

É claro que a maior parte do que é reexperimentado sob a compulsão à repetição, deve causar desprazer ao ego, pois traz à luz as atividades dos impulsos instintuais reprimidos. Isso, no entanto, constitui desprazer de uma espécie que já consideramos e que não contradiz o princípio de prazer: desprazer para um dos sistemas e, simultaneamente, satisfação para outro. Contudo, chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos (FREUD, v. 18, p. 31).

Se antes Freud acreditava que toda ação psíquica buscava o prazer, a partir de então começou a considerar também o desprazer, ou seja, ele passou a perceber que o sujeito repete (inconscientemente) situações que lhe causam desprazer, visando a morte, ou a um estado inorgânico, onde não existe conflitos. Além disso, Freud introduz o conceito do Princípio da Realidade, que não deixa de buscar o prazer, mas, que aceita postergá-lo, tolerando inclusive o desprazer. Portanto, a partir deste texto, Freud dizer que a repetição está principalmente ligada a pulsão de morte (PENA, 2007).

Para Garcia-Roza (1993), ao afirmar que a vida aponta para a morte, Freud não estaria deixando de lado a dimensão simbólica, característica principal dos conceitos psicanalíticos, mas estaria apresentando limites da palavra, e, que além de tudo, refere-se ao real. Além disso, afirma que, não é de morte que Freud se refere quando cita a pulsão de morte, mas de vida, uma vez que a psicanálise refere-se essencialmente à vida do sujeito.

Pena (2007) cita Lacan ao afirmar que não se pode confundir repetição com reprodução, pois a primeira tem sempre uma característica de algo que não pode ser assimilado, mas é sempre repetido de diferentes formas, enquanto que o segundo prevê a revivência de uma cena traumática de uma mesma forma.

Garcia-Roza (1993) também utiliza Lacan para compreender melhor a repetição, afirmando que, segundo o autor, embora a repetição esteja presente na transferência, elas não são a mesma coisa, além disso, a repetição não é uma reprodução de situações reais vividas pelo paciente, mas sim equivalentes simbólicos inconscientes. Assim, a repetição é sempre repetição da diferença, e não reprodução do mesmo.

Nos enunciados apresentados pelos sujeitos, parece que a repetição está arraigada na reprodução do mesmo, como se os sujeitos tivessem a noção, inconscientemente, de que se tivessem filhos reproduziriam da mesma forma, o modelo vivenciado por eles quando foram

filhos. Com isso, não se pretende afirmar que este modelo tenha sido positivo ou negativo, apenas cria-se hipóteses acerca daquilo que parece evidenciar-se em todos os discursos.

Na fala de H1, *“talvez porque eu, não que eu tive uma infância difícil, mas eu queria coisas que eu não tinha acesso”*, bem como em outros trechos, fica a ideia de que, mesmo que não tenha passado por dificuldades severas, alguns desejos seus não puderam ser satisfeitos na infância, por exemplo, *“quando tinha a viagem da 8ª série, eu não fui junto porque troquei pela possibilidade de ir para uma escola que eu queria ir”*. Assim, aparentemente, pode-se supor que este sujeito teme que, se tivesse um filho, ele passaria inevitavelmente pelas mesmas privações, ou então teria que escolher entre coisas importantes assim como ele teve que escolher quando criança. Seria, portanto, a reprodução do mesmo estilo de vida pelo qual ele passou. Compreende-se que tal reprodução não passa pela racionalidade, mas sim, se dá de forma inconsciente.

Já no discurso de H2, a repetição ocorre num sentido que o resultado levaria a perda. Como este sujeito tem mais dois irmãos, sendo ele o mais velho, essa ocupação de um “suposto filho” ligado a perda pode estar associado ao lugar de filho que ele ocupou. Sua fala acerca de como eram seus pais faz referência a esta hipótese: *“eu entendi também que durante o ensino médio, eles (pais) foram nos libertando pro mundo, eu tinha outros dois irmãos, antes eles davam atenção máxima de perto durante o ensino fundamental e depois eles ficavam acompanhando de longe [...] eu sempre fui o mais independente da família, né, eu nunca precisei que ninguém dissesse [...] então minha mãe, eu lembro que ela se preocupava com minha irmã e com meu irmão, se preocupou com meu irmão e com minha irmã até o ensino médio [...] pra mim eu vi que ela foi até a quarta série do primeiro grau então [...] não posso dizer assim que foram pais relapsos, ausentes, não, os dois foram presentes a minha vida. Até certa idade, depois cada vez menos”*.

Neste sentido, a vinda de um filho reproduziria o mesmo, ou seja, novamente ele perderia um espaço conquistado – agora de marido. Além disso, ele não consegue dar a um “suposto filho” um espaço que não o seu próprio, provavelmente remetendo ao espaço de filho que ocupou, e não ao de pai que ocuparia neste momento.

O discurso de H3 é fortemente regado por questões econômicas, ao passo que, vendo a dificuldade passada pelos irmãos ele associa a dificuldade passada pela mãe na criação dos filhos, *“eu fui vendo meus irmãos tendo, aí vendo eles tendo, eu não sei eu, o tempo foi passando eu vi eles né, ter um filho também não é fácil né, foram passando dificuldades [...] minha mãe, criou nós 5 sozinhos, e ela também às vezes trabalhava e cuidava de criança, chegava a cuidar de duas, três crianças pequenas, não é fácil, e hoje em dia como tá pra*

criar uma criança”. Esta narrativa revela como este sujeito reafirma a repetição enquanto a reprodução do mesmo, ou seja, já que seus irmãos passaram dificuldades tal como sua mãe, ele também passará.

Na fala trazida de H4, a reprodução surge de forma bem sutil. Seu discurso também apresenta um fundo econômico, mas ele apresenta outros elementos. Ele narra sua história iniciando com a morte dos seus pais quando ele ainda era muito jovem, com a dificuldade financeira do casal e a falta de apoio da família da parceira, afirmando que “*sempre as situações foram muito difíceis pra nós*”, finalizando com “*isso tudo despertou, essa não, a a gente não tem esse perfil*”, e, ainda se referindo a questões financeiras e de falta de apoio familiar, ele acrescenta “*uma criança, será que ela merece sofrer isso?*”. Não estaria ele pensando que uma criança iria passar por todas as dificuldades sofridas por ele, ou seja, uma história destituída de pais que dessem apoio e sem condições financeiras?

O que foi trazido por H5 parece confirmar a reprodução enquanto repetição do mesmo, quando afirma que “*o mundo é meio complicado assim sabe, e eu não vejo lugar pra botar mais um no mundo assim sabe, pra sofrer assim, a gente veio pra sofrer [...] eu acho que eu passei trabalho me desenvolvi mais [...] então tu tá aqui pra sofrer, então porque eu vou interferir no mundo pro meu filho não sofrer, meu filho tem que sofrer, se eu tiver um filho ele vai ter que sofrer, vai ter que ver a realidade da vida*”.

Ao longo da entrevista, este sujeito não traz todos os elementos que atestam tal sofrimento, entretanto, essas questões também não foram buscadas, visto que não se trata de uma busca com caráter terapêutico, onde caberiam tais interpelações. Mas, o que é importante para este estudo é a racionalização trazida, pois, “*se eu sofri, o meu filho também vai ter que sofrer*”.

Os recortes apresentados parecem evidenciar a repetição mais aproximada de uma reprodução do mesmo. Aparentemente, os sujeitos não demonstram levar em consideração que, mesmo na repetição, que neste caso seria a paternidade, possam existir singularidades, e que estas vão variar de acordo com cada sujeito, sendo diferente de pai para filho. Supõe-se, portanto, uma ligação com a ideia de que a repetição será sempre a reprodução do mesmo, não aceitando a possibilidade de que é possível repetir o padrão sem que isso signifique reproduzi-lo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu apresentar algumas dimensões dos discursos de 5 homens que socializaram seu não desejo pela paternidade. A partir da escuta das narrativas, e com a intenção de aproximar o que foi trazido com a teoria psicanalítica, além de apresentar as aproximações e distanciamentos nos discursos, optou-se em discutir três pontos: o desejo de ter filhos, a identificação e a repetição enquanto reprodução do mesmo. Ressalta-se, como veementemente destacado, a não pretensão em predizer verdades, de modo que aquilo que foi explanado pode ser repensado caso os sujeitos sejam submetidos a análise mais profunda.

Acerca do desejo de ter filhos, a partir do que foi apresentado é a possibilidade de compreensão deste desejo de dois modos: ligado ao desejo da mãe de que seu filho torne-se pai e ligada à identificação com o próprio pai, sendo que estas formas se complementam. Além disso, considera-se que este desejo possa ser construído ao longo da vida. Ligado a isto, foi possível gerar hipóteses a partir das narrativas dos sujeitos ligados tanto com a identificação com o pai, quanto pensadas a partir da transmissão do desejo da mãe.

Com relação a identificação, foi abordado o processo identificatório, destacando a identificação com a escolha de não ter filhos. O que se verificou nas falas trazidas foi que os sujeitos não demonstram, ao menos conscientemente, não estar seguros de sua opção pela não descendência.

No que tange a repetição enquanto reprodução do mesmo, o que se discutiu foi a noção trazida nas falas dos sujeitos da pesquisa de que só é possível repetir o mesmo, ou seja, de que não há possibilidade, mesmo na repetição, que possam haver variações. Desse modo, é como se acreditassem que ao terem filhos, como seus pais, reproduziriam tal e qual o modo como vivenciaram na infância. Não se contesta, porém, se este modelo foi ou não positivo, apenas que existe uma ideia de repetição ligada a reprodução.

Ademais, o que se espera com esta pesquisa é fomentar novos estudos na área da paternidade, visto sua importância na constituição do sujeito, e levando também em conta o fenômeno da não paternidade e a escassez de trabalhos publicados no país sobre o tema. Assim, pretendeu-se que as imersões realizadas no tema possam auxiliar a pensar a prática clínica quando sofrimentos relacionados a paternidade estejam presentes, ou mesmo a não paternidade.

Referências

- AULAGNIER, Piera. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Tradução: Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. *Psicol. Soc.* [online]. 2012, v. 24, n. 3, p. 577-587. ISSN 1807-0310. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000300011>>. Acesso em: 02 ago. 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004. 190 p. ISBN 978-85-7110-795-3.
- BETTS, Jaime. Entre Mito e Complexo: o que vale o pênis no século XXI? *Revista da APPOA: a masculinidade*, n. 28, 2005. Disponível em: <<http://www.appoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista28-2.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2014.
- BORGES, Adriana Araújo Pereira. *Desejo de ser pai: algumas vicissitudes da função paterna*. 2006. 84 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mario. *A psicanálise na terra do nunca*. Porto Alegre: Penso, 2011. 327 p. ISBN 978-85-63899-04-0.
- CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando fam.* [online]. 2013, v. 17, n. 1, p. 28-40. ISSN 1679-494X. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v17n1/v17n1a04.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2014.
- FERES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1998, v. 11, n. 2, p. 379-394. ISSN 0102-7972. Disponível: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>>. Acesso em: 22 ago. 2014.
- FLECK, Karen Morgana Scheffel; JUNG, Simone Isabel. *Paternidade de primogênito: afetos despertados em homens que se tornam pais pela primeira vez*. 2012. Disponível em: <<https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/102/karen.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2014.
- FREUD, Sigmund. Totem e Tabu (1912-13), v. 13, 277 p. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24 v.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (primeira parte) (1900), v. 04, 363 p. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24 v.
- FREUD, Sigmund. O caso de Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-13), v. 12, 406 p. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24 v.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer, psicologia de grupos e outros trabalhos (1920), v. 18, 317 p. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24 v.

FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1939 [1934-1938]) – v. 23, 351 p. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24 v.

GARCIA, Edna Linhares. *A problemática paterna na potencialidade polimorfa*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. 152 p. (Série Conhecimento. Teses e dissertações; 5) ISBN 85-85869-80-1.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso a repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. ISBN 978-85-224-5142-5

GIONGO, Ana Laura. Ex-pai. *Revista da APPOA: a masculinidade*, n. 28, 2005. Disponível em: <<http://www.apboa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista28-2.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

HEILBORN, Maria Luiza. O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas. In: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Clara Torres (Org.). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995. 219 p. (Seminários especiais; 10) ISBN 85-15-01001-1.

LIMA, Renata Liliane da Silva. “O mito do não-amor paterno”: O papel masculino na paternidade. 2011. Trabalho de conclusão (Graduação – Formação de Psicólogo – Faculdade do Vale do Ipojuca) – FAVIP/PE. Pernambuco, 2011. Disponível em: <[http://repositorio.favip.edu.br:8080/bitstream/123456789/524/1/Trabalho+de+Conclus%C3%A3o+de+Curso+\(TCC\)+-+Psicologia+-+Renata+Liliane+da+Silva+Lima.pdf](http://repositorio.favip.edu.br:8080/bitstream/123456789/524/1/Trabalho+de+Conclus%C3%A3o+de+Curso+(TCC)+-+Psicologia+-+Renata+Liliane+da+Silva+Lima.pdf)>. Acesso em: 02 maio 2014.

LOURENÇO, Ângela M. M. *Cônjuges com e sem filhos: diferenças e semelhanças na percepção da conjugalidade*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia na Área de Especialização em Psicologia Clínica e Saúde, Subárea de Especialização em Sistêmica, Saúde e Família – Mestrado) – Universidade de Coimbra – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/23408>>. Acesso em: 10 set. 2014.

MACIEL, Rubens de Aguiar. *Experiências psíquicas do homem à espera da paternidade*. 2010. Tese (Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública – Doutorado) Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-03032010-155820/pt-br.php>>. Acesso em: 02 maio 2014.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; BORGES, Adriana Araújo Pereira. A castração e seus destinos na construção da paternidade. *Psicologia clínica* [online]. 2010, v. 22, n. 2, p. 71-81. ISSN 0103-5665. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652010000200006>>. Acesso em: 02 mai. 2014.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. "Tem que ser uma escolha da mulher"! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicol. Soc.* [online]. 2012, v. 24, n. 2, p. 300-306. ISSN 0102-7182. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000200007>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

PENA, Breno Ferreira. As vicissitudes da repetição. *Reverso* [online]. 2007, v. 29, n. 54, p. 83-87. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v29n54/v29n54a12.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

PEPPL, Aiglis Glaci Ledur; NUNES, Ana Beatriz Nunes; VIEGAS, Eleni Viegas. *Antes que o mundo acabe*: reflexões sobre a busca do pai a partir da psicanálise. 2011. Disponível em: <<http://www.cbp.org.br/cprs/antesqueomundoacabe.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2014.

PINHEIRO, Odette de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, Mary J. P. (Org.) *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no cotidiano*: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013, p. 156-187. 278 p. ISBN: 978-85-7982-068-7.

RIOS, Maria Galvão. *Casais sem filhos por opção*: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT. 2007. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-03062008-161207/pt-br.php>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

RIOS, Maria Galvão; GOMES, Isabel Cristina. Casamento Contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. 2009a. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2009a, v. 26, n. 2, p. 215-225. ISSN 0103-166X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000200009>>. Acesso: 27 ago. 2014.

_____. Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção. 2009b. *Psicol. estud.* [online]. 2009, v. 14, n. 2, p. 311-319. ISSN 1413-7372. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722009000200012>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. 199 p. ISBN 85-7110-700-9.

SILVA, Elda Terezinha da; BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. Depressão puerperal – uma revisão de literatura. *Revista eletrônica de enfermagem* [1518-1944] 2005, v. 7, n. 2, p. 231-238. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/revista7_2/pdf/REVISAO_01.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

SILVA, Fernanda C. F.; MACEDO, Mônica M. K. A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer. 2012. *Psicologia: teoria e pesquisa* [0102-3772]. 2012. v. 28, fasc. 2. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n2/09.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.

SILVA, Milena da Rosa. *Paternidade e depressão pós-parto materna no contexto de uma psicoterapia breve pais-bebê*. 2007. Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Psicologia, Porto Alegre: 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13578/000641523.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

SOLÍS PONTÓN, Leticia (Org.). *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 261 p. ISBN 85-7396-3328-1.

SPINK, Mary Jane P.; FREZZA, Rose Mary. Práticas Discursivas e Produção de Sentido: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, Mary J. P. (Org.) *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013, p. 1-21. 278 p. ISBN: 978-85-7982-068-7.

TURKENICZ, Abraham. *A aventura do casal: uma abordagem teórico-clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 118 p. ISBN 85-7307-057-9.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. Desejo de ter filhos ou desejo de maternidade ou paternidade? *J. psicanal.* [online]. 2007, v. 40, n. 72, p. 153-164. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v40n72/v40n72a11.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2015.